

O que faz a história oral diferente*

Alessandro Portelli

Tradução: Maria Therezinha Janine Ribeiro

Revisão técnica: Dea Ribeiro Fenelon

“Sim”, disse Mrs. Oliver, “e então quando vieram falar sobre isto muito tempo depois, haviam encontrado a solução que eles próprios tinham criado. Aquilo não é excessivamente benéfico, é?” “Isto é benéfico” disse Poirot... “é importante conhecer certos fatos que têm se arrastado na memória do povo embora sem que saibam exatamente de que fato se trata, por que aconteceu ou o que levou a isso. Mas eles podem facilmente saber algo que não sabemos e que não temos meios de aprender. Assim nisso tem havido memórias guiando para teorias...

Agatha Christie

Elefantes podem lembrar

*Suas pesquisas históricas, entretanto, não se situavam tanto entre livros como entre homens; pois os primeiros eram lamentavelmente exíguos em seus tópicos favoritos; ao passo que encontrou velhos munícipes, e ainda mais suas esposas, ricas naquele legendário saber, tão sem valor para a verdadeira história. Sempre que, em seguida, acontecia deparar-se com uma família genuinamente alemã, comodamente agasalhada em sua casa de fazenda de teto baixo, sobre um sicômoro expandido, considerava a situação como um pequeno volume afivelado de letras góticas, e o estudava com o zelo de um alfarrabista**.*

Washington Irving

Rip Van Winkle

* Uma primeira versão, “Sulla specificità della storia orale”, apareceu em *Primo Maggio*, 13 (Milano, Itália, 1979), pp. 54-60; foi reimpressa como “On the peculiaridades of oral history”, em *History Workshop Journal*, 12 (Oxford, England, 1981), pp. 96-107.

** N.T. Aqui também poderia ser traduzido figurativamente como trabalho de uma traça de biblioteca.

Memórias levando a teorias

Um espectro está assombrando os muros da academia: o espectro da história oral. A comunidade intelectual italiana, sempre suspeitosa das novidades de fora – e ainda assim tão subserviente para “descobertas estrangeiras” –, se apressou a pôr de lado a história oral antes de procurar entendê-la e saber como usá-la. O método empregado foi o de imputar à história oral pretensões que esta não possuía, de modo a deixar a mente de todos à vontade para recusá-las. Por exemplo, *La Repubblica*, o jornal diário mais intelectual e internacionalmente orientado, precipitou-se a destituir “descrições populares e os pacotes artificiais da história oral em que as coisas parecem mover e falar por elas mesmas”, sem se deter em explicar que não são *coisas*, mas sim o *povo* (não obstante o povo sempre ter sido considerado como “coisa”) que a história oral espera que “se movimente e fale por si mesmo”.¹

Parece se temer que uma vez abertos os portões da oralidade, a escrita (e a racionalidade junto com ela) será varrida como que por uma massa espontânea incontrolável de fluídos, material amorfo. Mas esta atitude cega-nos para o fato de que nosso temor respeitoso de escrever tenha distorcido nossa percepção de linguagem e comunicação até o ponto em que não mais se entendem quer a oralidade quer a própria natureza da escrita. Na realidade, as fontes escritas e orais não são mutuamente excludentes. Elas têm em comum características autônomas e funções específicas que somente uma ou outra pode preencher (ou que um conjunto de fontes preenche melhor que a outra). Desta forma, requerem instrumentos interpretativos diferentes e específicos. Mas a depreciação e a supervalorização das fontes orais terminam por cancelar as qualidades específicas, tornando estas fontes ou meros suportes para fontes tradicionais escritas, ou cura ilusória para todas as doenças. Este capítulo tentará sugerir algum dos caminhos nos quais a história oral é diferente, intrinsecamente e, portanto, útil, especificamente.

A oralidade das fontes orais

Fontes orais são fontes *orais*. Os acadêmicos estão querendo admitir que o documento real é o teipe gravado; mas quase tudo fica para o trabalho das transcrições, e

1 Beniamino, P. *La Repubblica*, outubro de 1978.

somente os transcritos são publicados.² Ocasionalmente, teipes são realmente destruídos: um caso simbólico da destruição da palavra falada.

A transcrição transforma objetos auditivos em visuais, o que inevitavelmente implica mudanças e interpretação. A eficácia diferente de gravações, quando comparadas a transcrições – para propósitos de sala de aula, por exemplo – pode somente ser apreciada por experiência direta. Esta é uma razão por que creio ser desnecessário dar excessiva atenção aos novos e mais fechados métodos de transcrição. A expectativa da transcrição substituir o teipe para propósitos científicos é equivalente a fazer crítica de arte em reproduções, ou crítica literária em traduções. A mais literal tradução é dificilmente a melhor, e uma tradução verdadeiramente fiel sempre implica certa quantidade de invenção. O mesmo pode ser verdade para a transcrição de fontes orais.

A desatensão à oralidade das fontes orais tem sustentação direta na teoria interpretativa. O primeiro aspecto que é usualmente destacado é sobre a origem: as fontes orais dão-nos informações sobre o povo iletrado ou grupos sociais cuja história escrita é ou falha ou distorcida. Outro aspecto diz respeito ao conteúdo: a vida diária e a cultura material destas pessoas e grupos. Entretanto, não há referências específicas a fontes orais. Cartas de emigrantes, por exemplo, têm a mesma origem e teor, mas foram escritas. Por outro lado, muitos projetos de história oral têm coletado entrevistas com membros de grupos sociais que usam a escrita, e dizem respeito a tópicos usualmente cobertos por material de arquivo de escrita padrão. Não obstante, a origem e a satisfação não são suficientes para distinguir fontes orais do leque de fontes utilizadas pela história social em geral; assim, muitas teorias da história oral são de fato teorias de história social como um todo.³

Na busca de um fator discernente, podemos conseqüentemente recuar para meto-dizar. Não é provável que necessitemos repetir que a escrita representa a linguagem quase exclusivamente por meio de traços segmentários (grafemas, sílabas, palavras e sentenças). Mas a linguagem também é composta por outro conjunto de traços, que não

2 Uma exceção italiana é o *Instituto Ernesto De Martino*, uma organização radical independente de pesquisa sediada em Milão, que publicou “arquivos sonoros” em discos long-playing desde meados dos anos 60 – sem que houvesse qualquer notícia no *establishment* cultural. Ver Coggiola, F. “L’attività dell’Istituto Ernesto de Martino”. In: Carpitella, D. (ed.). *L’etnomusicologia in Itàlia*. Palermo, L’laccovio, 1975, pp. 265-70.

3 Luisa Passerini (“Sull’utilità e il danno delle fonti orali per la storia”. Introdução a Passerini, L. (ed.). *Storia Orale. Vita quotidiana e cultura materiale delle classi subalterne*. Torino, Rosenberg e Sellier, 1978) discute o relacionamento da história social.

podem ser contidos dentro de um único segmento, mas também são portadores do significado. A fileira de tom e volume e o ritmo do discurso popular carregam implícitos significados e conotações sociais irreproduzíveis na escrita – a não ser, e então de modo inadequado e não facilmente acessível, como notação musical.⁴ A mesma afirmativa pode ter consideráveis significações contraditórias, de acordo com a entonação do relator, que pode ser representado objetivamente na transcrição, mas somente descrito aproximadamente nas próprias palavras do transcritor.

A fim de tornar a transcrição legível, é usualmente necessário inserir sinais de pontuação, sempre, mais ou menos, adição arbitrária do transcritor. A pontuação indica pausas distribuídas de acordo com regras gramaticais: cada sinal tem um lugar convencional, significação e comprimento. Estes quase nunca coincidem com os ritmos e pausas do sujeito falante, e, portanto, terminam por confinar o discurso dentro de regras gramaticais e lógicas não necessariamente seguidas por ele. A posição e o exato comprimento da pausa têm uma importante função no entendimento do significado do discurso, pausas gramaticais regulares tendem a organizar o que é dito em torno de um modelo referencial basicamente explicativo, ao passo que pausas de posição e comprimento irregulares acentuam o conteúdo emocional, e pausas rítmicas muito pesadas lembram o estilo de narrativas épicas. Muitos narradores desviam-se de um tipo de ritmo para outro na mesma entrevista, quando sua atitude em relação à matéria em discussão muda. Naturalmente, isto pode somente ser percebido se se ouve, não se se lê.

Pode-se notar uma situação similar em relação à velocidade do discurso e suas mudanças durante a entrevista. Não há regras fixas de interpretação: diminuição de ritmo pode significar tanto ênfase maior como maior dificuldade, e a aceleração pode mostrar um desejo de escorregar sobre certos pontos também como maior familiaridade ou facilidade. Em todos os casos, a análise de mudanças na velocidade deve ser combinada com análises rítmicas. Mudanças são, entretanto, a norma no discurso, enquanto que a regularidade é a norma da escrita (a impressa mais de todas) e a norma presumida da leitura: variações são introduzidas pelo leitor e não pelo texto em si.

4 Sobre a notação musical como reprodução de sons de discurso, ver Marini, G. "Musica popolare e parlato popolare urbano". In: Circolo Gianni Bosio (ed.). *I giorgi cantati*. Milano, Mazzotta, 1978, pp. 32-4; e Lomax, A. *Folk song styles and culture*. Washington D.C., American Association for the Advancement of Sciences, 1968, publication n° 88, que discute a representação eletrônica de estilos vocais.

Isto não é uma questão de pureza filológica. Traços que não podem ser contidos dentro de segmento são o local (não exclusivo, mas muito importante) das funções narrativas essenciais: eles revelam as emoções do narrador, sua participação na história e a forma pela qual a história o afetou. Isto sempre envolve atitudes de quem fala podia não estar apto (ou desejar) a se expressar de outro modo, ou elementos não totalmente dentro de seu controle. Abolindo estes, tornamos insípido o conteúdo emocional do discurso inclinado para a equanimidade e objetividade do documento escrito. Isto é mais verdadeiro quando informantes do povo estão envolvidos: eles podem ser pobres em vocabulário, mas sempre mais ricos em variações de matizes, volume e entonação que os oradores da classe média, os quais aprendem a imitar no discurso a monotonia da escrita.⁵

A história oral como narrativa

As fontes históricas orais são fontes *narrativas*. Daí a análise dos materiais da história oral dever se avaliar a partir de algumas categorias gerais desenvolvidas pela teoria narrativa na literatura e no folclore. Isto é tão verdadeiro no testemunho recolhido em entrevistas livres quanto nos materiais de folclore organizados de modo mais formal.

Por exemplo, algumas narrativas contêm recursos na “velocidade” da narração, isto é, na proporção entre a duração dos eventos descritos e a duração da narração. Um informante pode relatar em poucas palavras experiências que duraram longo tempo ou discorrer minuciosamente sobre breves episódios. Estas oscilações são significativas, embora não possamos estabelecer uma norma geral de interpretação: apoiar-se em um episódio pode ser um caminho para salientar sua importância, mas também pode ser uma estratégia para desviar a atenção de outros pontos mais delicados. Em todos os casos, há uma relação entre a velocidade da narração e a intenção do narrador. O mesmo pode ser dito de outras categorias entre aquelas elaboradas por Gérard Genette, tais como “distância” ou “perspectiva” que definem a posição do narrador com relação à história.⁶

5 Ver Labov, W. “The Logic of Non-Standard English”. In: Kampf, L. e Lauter, P. (eds.). *The politics of literature*. New York, Random House, 1970, pp. 194-244 sobre as qualidades expressivas de discursos não-padronizados.

6 Neste artigo, uso estes termos como foram definidos e utilizados por Gérard Genette, em *Figures III*, (Paris, Seuil, 1972).

Fontes orais de classes não hegemônicas são ligadas à tradição da narrativa popular. Nesta tradição as distinções entre gêneros de narrativa são percebidas diferentemente da tradição escrita das classes educadas. Isto é verdade na distinção genérica entre narrativas “factuais” e “artísticas”, entre “eventos” e sentimento ou imaginação. Enquanto a percepção de um registro como “verdade” é relevante tanto para a lenda como para a experiência pessoal e para a memória histórica, não há gêneros de história oral especificamente destinados a transmitir informações históricas; as narrativas históricas, poéticas e míticas sempre se tornam inextricavelmente misturadas.⁷ O resultado são narrativas nas quais a fronteira entre o que toma o lugar fora do narrador e o que acontece dentro, entre o que diz respeito ao individual e o que diz respeito ao grupo, pode se tornar mais enganosa que os gêneros escritos estabelecidos, de modo que a “verdade” pessoal possa coincidir com a “imaginação” compartilhada.

Cada um destes fatores pode ser revelado por agentes formais e estilísticos. A maior ou menor presença de materiais formalizados (provérbios, canções, fórmulas e estereótipos) pode medir o grau no qual um ponto de vista coletivo existe dentro da narrativa do indivíduo. Estes descompassos entre a linguagem padrão e o dialeto são sempre sinal de um tipo de controle que os expositores têm sobre sua fala.

Uma estrutura recorrente típica é aquela na qual a linguagem *standard* é usada de um extremo ao outro, enquanto o dialeto brota em digressões ou anedotas singelas, coincidindo com um envolvimento mais pessoal do narrador ou (como quando as ocorrências de dialeto coincidem com linguagem formalizada) a intrusão da memória coletiva. De outro lado, a linguagem padrão pode emergir em um dialeto narrativo quando se relaciona com temas mais profundamente conectados com a esfera pública, tal como a política. Outra vez, isto pode significar simultaneamente um grau de consciência maior ou menor de indiferença ou um processo de “conquista” de uma forma mais “educada” de expressão começando com participação em política.⁸ Por outro lado, a dialetização

7 Sobre distinções de gênero a respeito de narrativa oral e folclórica, ver Ben-Amos, D. *Catégories analytiques et genres populaires. Poétique*, 19, 1974, pp. 268-93; e Vansina, J. *Oral tradition*. Harmondsworth, Middlesex, Penguin Books, 1973 [1961].

8 Por exemplo, Gaetano Bondoni, ativista comunista de Roma falou sobre sua família e sua comunidade preferencialmente em dialeto, mas mudou para uma forma mais estandarizada de italiano assim que quis reafirmar sua fidelidade ao partido. O desvio mostrou que, embora ele aceitasse as decisões do partido, elas permaneciam diferentes de suas experiências diretas. Sua recorrência ao idioma significava: “Não há nada que você possa fazer sobre isto”. Ver Circolo Gianni Bosio. *I giorni cantati*, pp. 58-66.

de termos técnicos pode ser sinal da vitalidade do discurso tradicional e do caminho pelo qual os narradores se empenham em ampliar a área expressiva de sua cultura.

Eventos e significados

A primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre *eventos* que sobre *significados*. Isso não implica que a história oral não tenha validade factual. Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas. Deste ponto de vista, o único problema colocado pelas fontes orais é aquele da verificação (ao qual retornarei na próxima secção).

Mas o único e precioso elemento que as fontes orais têm sobre o historiador, e que nenhuma outra fonte possui em medida igual, é a subjetividade do expositor. Se a aproximação para a busca é suficientemente ampla e articulada, uma secção contrária da subjetividade de um grupo ou classe pode emergir. Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Fontes orais podem não adicionar muito ao que sabemos, por exemplo, o custo material de uma greve para os trabalhadores envolvidos; mas contam-nos bastante sobre seus custos psicológicos. Empréstimo uma categoria literária dos formalistas russos, podemos dizer que fontes orais, especialmente de grupos não-hegemônicos, são uma integração muito útil de outras fontes tão distantes quanto a *fábula* – a seqüência lógica, causal da história – alcança, mas elas se tornam únicas e necessárias por causa do seu *enredo* – o caminho no qual os materiais da história são organizados pelos narradores de forma a contá-la.⁹ A construção da narrativa revela um grande empenho na relação do relator com a sua história.

Subjetivamente, faz tanto parte da história quanto os “fatos” mais visíveis. O que os informantes acreditam é na verdade em um *fato* histórico (isto é, o fato no qual eles crêem), tanto como naquilo que realmente aconteceu. Quando trabalhadores em Terni colocam mal um evento crucial de sua história (a morte de Luigi Trastulli), de uma

9 Sobre fábula e conspiração, ver Tomasevskij, B. “Sjuzetnoe postroenie”. In: *Teorija literatury. Poetika*. Moscou/Leningrado, 1928. Tradução italiana: “La costruzione dell intreccio”. In: Todorov, T. (ed.). *I formalisti russi*. Turim, Einaudi, 1968; publicado como *Théorie de la littérature*. Paris, Seuil, 1965.

data e contexto para outro, isto não lança dúvidas na atual cronologia, mas força-nos a reorganizar nossa interpretação de uma fase inteira da história da cidade. Quando um velho líder de tropa, também em Terni, imagina uma história sobre como ele quase conseguiu reverter a estratégia do Partido Comunista, após a Segunda Grande Guerra, não revisamos nossas reconstruções de debates políticos dentro da esquerda, mas aprendemos a extensão do custo real de certas decisões para aqueles militantes ativos que tiveram de enterrar no subconsciente suas necessidades e desejo de revolução. Quando descobrimos que histórias similares são contadas em outras partes do país, reconhecemos um complexo legendário meio-formado no qual os “devaneios senis” de um velho homem desapontado revelam muito sobre a história do seu partido, não contada na extensão e memórias lúcidas de seus líderes oficiais.¹⁰

Acreditaríamos nas fontes orais?

Fontes orais são aceitáveis mas com uma credibilidade *diferente*. A importância do testemunho oral pode se situar não em sua aderência ao fato, mas de preferência em seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e desejo de emergir. Por isso, não há “falsas” fontes orais. Uma vez que tenhamos checado sua credibilidade factual com todos os critérios estabelecidos do criticismo filológico e verificação factual, que são requeridos por todos os tipos de fontes em qualquer circunstância, a diversidade da história oral consiste no fato de que afirmativas “erradas” são ainda psicologicamente “corretas”, e que esta verdade pode ser igualmente tão importante quanto registros factuais confiáveis.

Naturalmente, isto não quer dizer que aceitemos o preconceito dominante que vê a credibilidade factual como monopólio dos documentos escritos. Constantemente, documentos escritos são somente a transmissão sem controle de fontes orais não identificadas (como no caso do relato da morte de Trastulli, que começa: “De acordo com informação oral obtida...”). A passagem destas “Ur-fontes” para o documento escrito é sempre o resultado de processos que não têm credibilidade científica e estão frequentemente carregados com tendências de classe. Em gravações de julgamentos (ao menos na Itália, onde nenhum valor legal é dado ao teipe gravado ou a transcrições taquigráficas), o que efetivamente é registrado não são as palavras realmente ditas pelas teste-

10 Estas histórias foram discutidas nos capítulos 1 e 6.

munhas, mas um sumário ditado pelo juiz para o escrivão. A distorção inerente em tal procedimento fica além da avaliação, especialmente quando os narradores originalmente se expressaram em dialeto. Mesmo assim, muitos historiadores que viram seus narizes para fontes orais aceitam essas transcrições legais sem as questionarem. Numa medida menor (graças ao freqüente uso da taquigrafia) isto se aplica a gravações parlamentares, minutas de reuniões e convenções e entrevistas reportadas em jornais: todas as fontes que são legítima e largamente usadas em pesquisas históricas *standard*.

Um sub-produto deste preconceito é a insistência de que as fontes orais se situam distantes dos eventos e, por isso, submetem-se à distorção da memória imperfeita. Na verdade, este problema existe para muitos documentos escritos, comumente elaborados algum tempo após o evento ao qual se referem, e sempre por não-participantes. As fontes orais podiam compensar a distância cronológica com um envolvimento pessoal mais íntimo. Enquanto as memórias escritas de políticos ou de líderes dos trabalhadores são usualmente creditadas até prova em contrário, elas são tão distantes de alguns aspectos do evento que relataram como são muitas entrevistas históricas, e somente escondem sua dependência ao tempo assumindo a forma imutável de um “texto”. Por outro lado, narradores orais têm dentro de sua cultura certas ajudas para a memória. Muitas histórias são contadas repetidas vezes ou discutidas com membros da comunidade; a narrativa formalizada, mesmo a métrica, pode ajudar a preservar uma versão textual de um evento.

De fato, não se deve esquecer que informantes orais podem também ser versados em letras. Tiberio Ducci, um antigo líder da liga de tratabalhadores rurais de Genzano, nas colinas romanas, pode ser atípico: além de lembrar sua própria experiência, ele também havia pesquisado os arquivos locais. Mas muitos informantes lêem livros e jornais, ouvem rádio e TV, escutam sermões e discursos políticos e guardam diários, cartas, recortes e álbuns de fotografias. A fala e a escrita, por muitos séculos, não existiram separadamente: se muitas fontes escritas são baseadas na oralidade, a oralidade moderna, por si, está saturada de escrita.

Mas o realmente importante é não ser a memória apenas um depositário passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações. Assim, a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forjadas pela memória. Estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico.

Mudanças que tenham subsequentemente tomado lugar na consciência subjetiva pessoal do narrador, ou em sua situação sócio-econômica, podem afetar, se não o relato de eventos anteriores, pelo menos a avaliação e o “colorido” da história. Muitas pessoas são reticentes, por exemplo, quando vão descrever formas ilegais de luta, tais como sabotagem. Isso não significa que elas não se lembrem dos casos, claramente, mas que tem havido uma mudança em suas opiniões políticas, circunstâncias pessoais, ou na linha de seu partido. Atos considerados legítimos e mesmo normais ou necessários no passado podem ser vistos agora como inaceitáveis e literalmente postos fora da tradição. Nestes casos, a informação mais preciosa pode estar no que os informantes escondem e no fato que os *fizeram* esconder mais que no que eles *contaram*.

Freqüentemente, entretanto, os narradores são capazes de reconstruir suas atitudes passadas mesmo quando não mais coincidem com as suas atuais. Este é o caso com os trabalhadores da fábrica de Terni ao admitirem que violentas represálias contra os executivos responsáveis, por dispensa em massa em 1953, podiam ter sido contraproducentes, mas ainda as recordaram com grande lucidez porque elas pareceram úteis e apropriadas no momento da ocorrência. Num dos mais importantes testemunhos orais de nosso tempo, *A autobiografia de Malcolm X*, o narrador descreve muito vividamente como sua mente trabalhava antes de alcançar sua atual consciência, e então julgar seu próprio passado pelas normas atuais de sua consciência política e religiosa. Se a entrevista é conduzida habilidosamente e seus propósitos são claros para os narradores, não é impossível para eles fazerem uma distinção entre o próprio passado e o presente, e objetivar o passado em si como diferente do presente. Nestes casos – Malcolm X, de novo, é típico – a *ironia* é a principal forma narrativa: dois diferentes *standard* ético (ou político, ou religiosos) e narrativo interferem e se sobrepõem, e a tensão entre eles dá forma ao narrar a história.

Por outro lado, podemos também nos encontrar com narradores cuja consciência parece ter sido capturada em momentos climáticos de suas experiências pessoais: certos membros da Resistência, ou veteranos de guerra, e talvez alguns militantes estudantis dos anos 60. Freqüentemente, estes indivíduos são absorvidos integralmente pela totalidade do evento histórico do qual participaram, e seu relato assume cadências e fraseologia de *épicos*. A distinção entre um estilo épico ou irônico implica uma distinção entre perspectivas históricas, que deviam ser levadas em consideração em nossa interpretação do testemunho.

Objetividade

Fontes orais não são *objetivas*. Isto naturalmente se aplica para qualquer fonte, embora a sacralidade da escrita sempre nos leve a esquecer isto. Mas a não-objetividade própria das fontes orais jaz em características específicas inerentes, as mais importantes sendo que elas são *artificiais, variáveis e parciais*.

A introdução de Alex Haley para *A autobiografia de Malcolm X* descreve como Malcolm desviou sua abordagem narrativa não espontaneamente, mas porque o questionamento do entrevistador o afastou da imagem exclusivamente pública e oficial dele e da Nação do Islã que ele estava tentando projetar. Isso ilustra o fato que os documentos de história oral são sempre o resultado de um relacionamento, de um projeto compartilhado no qual ambos, o entrevistador e o entrevistado, são envolvidos, mesmo se não harmoniosamente. Documentos escritos são fixos, eles existem tenhamos ou não ciência deles, e não mudam uma vez que os tenhamos encontrado. Testemunho oral é apenas um recurso potencial até que pesquisas o chamem para a existência. A condição para existência da fonte escrita é a emissão; para fontes orais é a transmissão: uma diferença similar àquela descrita por Roman Jakobson e Piotr Bogatyrev entre os processos criativos do folclore e aqueles da literatura.¹¹

O conteúdo da fonte escrita é independente das necessidades e hipóteses do pesquisador; é um texto estável, que não pode ser apenas interpretado. O conteúdo das fontes orais, por outro lado, depende largamente do que os entrevistadores põem em termos das questões, diálogos e relações pessoais.

É o pesquisador que decide, em primeiro lugar, que haverá uma entrevista. Pesquisadores sempre introduzem distorções específicas: informantes contam-lhes o que crêem eles queiram ouvir e assim revelam quem eles pensam que o pesquisador é. De outro lado, entrevistas rigidamente estruturadas podem excluir elementos cuja existência ou relevância fossem desconhecidas previamente para o entrevistador e não contempladas nas questões inventariadas. Tais entrevistas tendem a confirmar a moldura de referência prévia do historiador.

O primeiro requisito, por isso, é que o pesquisador “aceite” o informante e dê prioridade ao que ela ou ele deseje contar de preferência ao que o pesquisador quer ouvir, reservando algumas questões não respondidas para mais tarde ou para outra en-

11 Jakobson, R. e Bogatyrev, P. “Le Folklore – forme spécifique de création”. In: Jakobson, R. *Questions de poétique*. Paris, Seuil, 1973, pp. 59-72.

trevista. A comunicação sempre funciona de ambos os lados. Os entrevistados estão sempre, embora talvez discretamente, estudando os entrevistadores que os “estudam”. Os historiadores podem reconhecer este fato e tirar dele vantagens, em vez de experimentar eliminá-lo em razão de uma neutralidade impossível (e talvez indesejável).

O resultado final da entrevista é o produto de ambos, narrador e pesquisador. Quando as entrevistas, como é freqüentemente o caso, são arrumadas para a publicação, omitindo inteiramente a voz do entrevistador, uma sutil distorção tem lugar: o texto dá as respostas sem as questões, dando a impressão que determinado narrador dirá as mesmas coisas, não importando as circunstâncias – em outras palavras, a impressão que uma pessoa falando é tão estável e repetitiva como um documento escrito. Quando a voz do pesquisador é cortada, a voz do narrador é distorcida.

O testemunho oral, de fato, nunca é igual duas vezes. Isto é uma característica de todas as comunicações orais, mas é especialmente verdadeira das formas relativamente não estruturadas, tais como declarações autobiográficas ou históricas fornecidas em entrevista. Até o mesmo entrevistador apresenta diferentes versões do mesmo narrador em tempos diversos. Quando os dois passam a se conhecer melhor, a “vigilância” do narrador pode ser atenuada. A subordinação de classe – experimentando identificar o que o narrador pensa ser o interesse do entrevistador – pode ser recolocada por maior independência ou por melhor compreensão dos propósitos da entrevista. Ou uma entrevista prévia pode ter simplesmente despertado memórias que são então contadas em encontros posteriores.

O fato de que entrevistas com a mesma pessoa possam ser continuadas indefinidamente guia-nos para a questão da imperfeição inerente às fontes orais. É impossível exaurir a memória completa de um único informante, dados extraídos de cada entrevista são sempre o resultado de uma seleção produzida pelo relacionamento mútuo. Pesquisa histórica com fontes orais, por isso, sempre têm a natureza inconclusa de um trabalho em andamento. De modo a mergulhar em todas as fontes orais possíveis para as greves de Terni de 1949 a 1953, devia-se entrevistar em profundidade mil pessoas: qualquer exemplo seria somente tão confiável quanto os métodos de amostra utilizados e nunca garantiriam contra-omitir narradores de “qualidade” cujo testemunho isolado podia ser digno de dez selecionados estatisticamente.

O inconcluso de fontes orais afeta todas as outras fontes. Dado que nenhuma pesquisa (concernente ao tempo histórico para o qual as memórias de vida são válidas) é completa, a menos que se tenha exaurido tanto as fontes orais como as escritas, e as primeiras são inesgotáveis, a meta ideal de ir através de “todas” as fontes possíveis se

torna impossível. O trabalho histórico que se utiliza de fontes orais é infundável, dada a natureza das fontes; o trabalho histórico que exclui fontes orais (quando válidas) é incompleto por definição.

Quem fala na história oral?

A história oral não reside onde as classes operárias falam por si próprias. A afirmação contrária, naturalmente, não seria totalmente infundada: o relato de uma greve nas palavras e memórias de trabalhadores, ao invés daqueles da polícia e da (sempre inamistosa) imprensa, obviamente ajuda (embora não automaticamente) a equilibrar a distorção implícita naquelas fontes. Fontes orais são condição necessária (não suficiente) para a história das classes não hegemônicas, elas são menos necessárias (embora de nenhum modo inúteis) para a história das classes dominantes, que têm tido controle sobre a escrita e deixaram atrás de si um registro escrito muito mais abundante.

Não obstante, o controle do discurso histórico permanece firmemente nas mãos do historiador. É o historiador que seleciona as pessoas que serão entrevistadas, que contribui para a moldagem do testemunho colocando as questões e reagindo às respostas; e que dá ao testemunho sua forma e contexto finais (mesmo se apenas em termos de montagem e transcrição). Embora aceitando que a classe operária fale através da história oral, é claro que a classe não fala no abstrato, mas fala para o historiador, com o historiador e, uma vez que o material é publicado, *através* do historiador.

Na verdade as coisas podem também ser pensadas de outra maneira. O historiador pode validar o discurso dele ou dela “ventriculizando-o” através do testemunho do narrador. Longe de desaparecer na objetividade das fontes, o historiador permanece importante ao menos como um companheiro no diálogo, sempre como um “diretor de palco” da entrevista, ou como um “organizador” do testemunho. No lugar de descobrir fontes, partidários da história oral de certo modo as criam. Longe de se tornarem meros intérpretes do operariado, eles podem estar usando as palavras do povo, mas são ainda responsáveis pela totalidade do discurso.

Muito mais que documentos escritos, que freqüentemente carregam a aura impessoal das instituições que os editaram – mesmo se, naturalmente, compostos por indivíduos, de quem sabemos pouco ou nada – as fontes orais envolvem o relato inteiro em sua própria subjetividade. Junto à primeira pessoa do entrevistado se situa a primeira pessoa do historiador, sem o qual não haveria entrevista. Ambos os discursos, do in-

formante e do historiador, são em forma narrativa, que raramente é o caso dos documentos de arquivo. Informantes são historiadores, de certo modo; e o historiador é, algumas vezes, uma parte da fonte.

Escritores tradicionais de história apresentam-se usualmente no papel que a teoria literária descreve como “narrador onisciente”. Eles relatam eventos dos quais não fazem parte, e que dominam inteiramente e de cima (acima da consciência dos próprios participantes), na terceira pessoa. Parecem ser imparciais e desligados, nunca entrando na narrativa exceto para fazer comentários paralelos, à maneira de alguns romancistas do século XIX. A história oral muda a forma de escrever da história da mesma maneira que a novela moderna transformou a forma de escrever da ficção literária: a mais importante mudança é que o narrador é agora empurrado para dentro da narrativa e se torna parte da história.

Constata-se não apenas desvio gramatical da terceira para a primeira pessoa, mas uma nova e integral atitude narrativa. O narrador é agora uma das personagens e o *contar* da história é parte da história que está sendo contada. Isto implicitamente indica um envolvimento muito mais profundo, político e pessoal, que aquele do narrador externo. Escrever história oral radical, então, não é matéria de ideologia ou partidário subjetivo ou de escolher um conjunto de fontes no lugar de outro. Está, com mais razão, inerente na presença do historiador na história, no assumir a responsabilidade que o inscreve ou a inscreve no relato e revela a historiografia como ato autônomo de narração. As escolhas políticas se tornam menos visíveis e vocais, porém mais básicas.

O mito que o historiador como indivíduo podia desaparecer na verdade objetiva das fontes operárias era parte da visão da militância política do mesmo modo que a aniquilação de todos os papéis subjetivos do ativista de tempo integral, e como a absorção dentro de uma abstrata classe trabalhadora. Isto resultou em irônica similaridade à atitude tradicional que viu historiadores como não envolvidos subjetivamente na história que estavam escrevendo. Adeptos da história oral parecem se submeter a outros sujeitos do discurso, mas, de fato, o historiador começa cada vez menos a ser “intermediário” entre o operariado e o leitor, e cada vez mais seu protagonista.

Ao escrever história, do mesmo modo que sucede em literatura, o ato de se focar a função do narrador ocasiona a fragmentação desta. Em uma novela tal como *Lord Jim* de Joseph Conrad, o personagem/narrador Marlow pode contar somente o que ele próprio viu e ouviu; para contar a “história total”, ele é forçado a colocar muitos outros “informantes” em seu conto. O mesmo acontece com historiadores que trabalham com

fontes orais. Explicitamente entrando na história, os historiadores devem permitir as fontes entrarem no conto com seus discursos autônomos.

A história oral não tem sujeito unificado; é contada de uma multiplicidade de pontos de vista, e a imparcialidade tradicionalmente reclamada pelos historiadores é substituída pela parcialidade do narrador. “Parcialidade” aqui permanece simultaneamente como “inconclusa” e como “tomar partido”: a história oral nunca pode ser contada sem tomar partido, já que os “lados” existem dentro do contador. E não importa o que suas histórias e crenças pessoais possam ser, historiadores e “fontes” estão dificilmente do mesmo “lado”. A confrontação de suas diferentes parcialidades – confrontação como “conflito” e confrontação como “busca pela unidade” – é uma das coisas que faz a história oral interessante.